

**DA EXPERIÊNCIA TOTALIZADORA COMO  
CONDIÇÃO DE LIBERDADE**

*A propósito de Abel Salazar e da revista Pensamento\**

*"Não compreendes que renunciar é fácil, que o difícil é  
viver" Abel Salazar,  
"Atena Estátua"*

**Por João Teixeira Lopes**



## Resumo

Dividida em quatro andamentos ("Da razão como libertação", "Um mundo sem fadas e gnomos", "O diálogo das estátuas" e "Uma intensa actualidade"), o artigo abordará alguns eixos do ideário de Abel Salazar presentes na revista *Pensamento*, nomeadamente a identificação de um universo de contradições e aporias que tenta superar, em direcção à complexidade e à síntese, numa dialéctica entre Razão e Experiência, onde o compromisso com o colectivo e o devir histórico assumem a urgência de uma força redentora, pensamento que em acto constrói as condições da sua relação, liberdade e transcendência do estado de alienação.

Omnipresentes, as pontes com a actualidade revelarão um "pathos" emancipador e libertário.

### Da razão como libertação<sup>1</sup>

Não haverá enunciado porventura mais esclarecedor sobre os propósitos e o ideário da revista *Pensamento* do que a epígrafe que surge em cada número, completando e reforçando a carga semântica da ilustração, a qual remete, significativamente, para o *Pensador* de Rodin: "*Tu, pensamento, não és fogo, és luz!*". A exclamação, no contexto histórico de final dos anos 30, após a aprovação da Constituição de 1933 e da proclamação, sacralização e ritualização do Estado Novo (no canto inferior esquerdo da capa lá está a célebre inscrição, que remete para a circunstância: *Visado pela comissão de censura*), surge como uma ousada provocação, um apelo, um repto, um encorajamento, curiosamente, ao acto, à praxis. Mas a uma praxis assente na Razão crítica, iluminada pelo Pensamento livre mas rigoroso, aberto mas contido em protocolos de cientificidade e a certas regras comunicacionais.

Existe aqui, é certo, uma nítida inspiração positivista. Abel Salazar clama pelo "*fisicalismo contemporâneo*", subordinando o espírito à matéria. Mas jamais a *Pensamento* se reclamará de uma razão neutra, espartilhada pela submissão ao concreto ou ao espírito hegemónico do paradigma de cientificidade das ciências exactas. O seu propósito é total: *Revista mensal de divulgação social e científica, arte e Literatura*. A concepção de Homem dos seus mentores remete, decisivamente, para a Humanidade em sentido lato e holístico, para o cariz *especificamente humano* da existência. E esse cariz não permite atomizações, nem a

---

<sup>1</sup> - O presente artigo reproduz a comunicação de encerramento do colóquio *Um Pensamento Socialista e Libertário*, promovido pela Casa Museu Abel Salazar e realizado nos dias 14 e 15 de Setembro de 2001.

fragmentação do Ser e da identidade, tão ao gosto de certas correntes pós-modernas. De facto, vislumbra-se nas múltiplas páginas, em particular nos escritos de Abel Salazar, o desígnio do homem total de Marx, liberto dos constrangimentos de classe e da lógica opressora do Estado, para o qual a divisão social do trabalho não faz qualquer sentido, sendo, pelo contrário, fonte de alienação. Assim como resulta claro o apego interdisciplinar à integração dos saberes, a abertura de vasos comunicantes entre diferentes "províncias finitas de sentido" (Schutz) - a ciência, a arte, a literatura, a comunicação intersubjectiva.

A Razão que Abel Salazar defende nas páginas da revista *Pensamento* dialoga com a experiência e participa, com ela, no processo dialéctico de construção da realidade: "*A Experiência só por si é cega; a Razão só por si cai no vácuo*"<sup>2</sup>. Como se mantém actual esta máxima; que excelente contributo para iniciar uma aula de Introdução às Ciências Sociais, versando o tema da construção do objecto científico, salientando que, de facto, o empirismo é um caminhar sem princípio nem fim, às escuras, e que a teoria é, afinal, como afirma Michel Verret, "*o caminho mais curto para a realidade*"<sup>3</sup>, a tal "luz" que, para o investigador, fornece um quadro de intelegibilidade do objecto que se perscruta. Mas, tenhamo-lo bem presente, nenhuma razão sobrevive à prova da experiência. O seu destino é sempre provisório e assemelha-se a um conjunto de ensaios e rectificações. Nas palavras do escritor Virgílio Ferreira, "*a Verdade é um erro à espera de vez*", na fila de espera da falsificabilidade, como salientaria Popper, no fio de navalha do imprevisto - a *serendipity* de que fala Merton; o encontrar-se algo de que não se estava à procura.

Porque a razão jamais substitui a experiência. Ao fazê-lo, deixa de ser Razão e transforma-se em crença ou em dogma, crítica apontado por Abel Salazar ao "*materialismo absoluto*". Uma razão "*flexível*", por isso. Direi mesmo: uma razão frágil, mas ciente dessa vulnerabilidade, transformada, ao mesmo tempo, na sua maior força. Assim concebida e aplicada, a razão não é um cruel instrumento de tiranos ou de soberanos absolutos, mas sim um movimento perpétuo, um devir incessante e libertador, um diálogo permanente com o futuro, que interroga e interpela.

No vaivém entre razão e experiência, ou entre teoria e empiria reside a superação de um hiato que se tornaria insuportável. O pensamento Iluminista, na sua versão evolucionista e progressista, assim o defende. A modernidade assenta nos seus alicerces periclitantes, sempre dispostos a superam-se em novas arquitecturas. A razão desafiada pela experiência liberta-se das camisas de

<sup>2</sup> - Vd. Abel Salazar, "A Razão e a Experiência" in *Pensamento*, n.º 75, 1936, p. 53.

<sup>3</sup> - Vd. Michel Verret, *Dialogues avec la Vie*, Paris, UHarmattan, 1999, p. 10.

força da indolência intelectual e afirma a sua radicalidade, capaz, mesmo, de se destruir criativamente em busca de um outro equilíbrio menos imperfeito.

Envolto neste quadro de referências, Abel Salazar afirma, então, a totalização da experiência como a integração de uma sucessão de actos por intermédio da razão. Ao mesmo tempo, a razão instantaneiza-se em práticas quotidianas - realiza-se em actos e não em pueris nuvens de uma solidão absoluta. Assim concebida, ela emancipa - é luz, direcção da História, novelo de Ariadne que desvenda os contornos do labirinto.

### Um mundo sem fadas e gnomos

As formulações metafísicas de Abel Salazar têm um alvo extremamente bem definido: as derivações metafísicas e "*espiritualistas*", os misticismos vários, os serôdios artificialismos idealistas. Nas suas expressivas palavras surge a crítica a todos os panfletários pseudo-intelectuais "*que, em ares seráficos, se desfazem em tremeliques bem choradinhos de fado espiritualista...O problema, depois de correr a sua odisseia, finda então como os velhos chapéus, ou os velhos vestidos, que das damas passam para as criadas, das criadas para a trapeira, e que por fim, um dia findam, espetados numa cruz, como espantalhos de pardais, no meio de um campo de milho...*"<sup>4</sup>. Na mira de Abel Salazar estão, como facilmente se depreende, as crenças, mitos e superstições que sustentavam (e sustentam) uma visão arcaica e, porque não dizê-lo, alienada e reaccionária, do mundo e da existência, uma espécie de pré-modernidade irracional, um estado inferior e obscuro da civilização que pode, sem grande esforço, ser associado ao poder das seitas e das religiões de toda a espécie ou mesmo de algumas doutrinas político-filosóficas. O materialismo absoluto é um idealismo, como sugere Abel Salazar e não parece absurdo encontrar aqui uma crítica implícita ao materialismo histórico e ao "socialismo científico" de Marx e Engels.

Simultaneamente, Abel Salazar revela uma complexidade muito superior ao que as anteriores linhas poderiam fazer supor. É o mesmo autor quem afirma a impossibilidade de superação do lado afectivo e emotivo da existência (aproximando-se, por esta perspectiva, da dicotomia entre a face diurna e nocturna da existência, de que nos fala Bachelard): "*Nenhuma construção conceitual, por complexa que seja a sua arquitectura lógica e elevado o seu edifício pode cortar as ligações que, na origem, aprendem ao psicológico*"<sup>5</sup>.

Assiste-se, indubitavelmente, a um processo de perda de influência das gran-

<sup>4</sup> - Vd. Abel Salazar, "Espírito e Matéria" in *Pensamento*, n° 83, 1937, p. 249.

<sup>5</sup> - Idem, "Problemas filosóficos e condicionalismo psicológico" in *Pensamento*, n° 81, 1936, p. 209.

des representações e construções míticas. O sagrado parece desaparecer e a galeria dos Deuses perde o seu esplendor. As teodiceias são substituídas pelo carácter cumulativo do conhecimento científico. Os demiurgos sonham um sono eterno.

O sociólogo Max Weber falava, na sua imprescindível obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* do desencantamento do mundo provocado pela burocratização e secularização das sociedades hodiernas. Abel Salazar segue Reichenbach para referir a "deshumanização" e "desdivinização" da realidade, provocadas pela física moderna, a qual está na primeira linha dos fundamentos do "mal estar filosófico"<sup>6</sup>.

Porém, e à semelhança de alguma epistemologia pós-moderna, Abel Salazar não acredita na separação absoluta, própria do positivismo, entre sujeito e objecto, nem tão-pouco na ruptura e no descontínuo radical entre o homem racional e o homem emotivo e intuitivo: "o homem parte sempre das noções e sugestões psicológicas"<sup>7</sup>.

Dilacerado pela realidade multifacetada da existência humana, ancorado, possivelmente, na sua própria história de vida, Abel Salazar parece compreender o espartilho demasiado apertado do positivismo, ele próprio uma crença, ainda que partilhada por uma comunidade apelidada de "científica". Nas teias da complexidade, abandona aporias indolentes e procura sínteses.

### O diálogo das estátuas

Inquietação, inquietação, é tudo inquietação...Nos antípodas da renúncia, da indolência, da passiva entrega a ídolos com pés de barro, do prazer com a auto-comiseração, ergue-se a voz de rebeldia de Atena Estátua, espécie de Antígona transfigurada. Virando-se para a estátua gótica, que jaz a seu lado, mostra-se inclemente: "tu és símbolo de uma doutrina de melancolia e renúncia, de lamentosa abdicação. A tua doutrina é um suicídio; e determina na humanidade uma depressão moral, um estado efectivo de charcoso marasmo (...) Tua lamúria tem a plangência de um cego de romaria, a dolência lamentosa de um mendigo (...) Habitaste a Humanidade a fugir do claro Sol, e a refugiar-se em frias trevas (...f.

Subliminarmente, sugere-se a *Alegoria da Caverna* de Platão; luz e trevas; o pensamento crítico, que é todo luz e a renúncia melancólica e narcísica, toda

<sup>6</sup> - Idem, *ibidem*.

<sup>7</sup> - Idem, *ibidem*, p. 210.

<sup>8</sup> - Idem, "Atena Estátua. Trabalho escrito" in *Pensamento*, nº 73, 1936, p. 12.

escuridão. A Estátua Gótica, confiando o seu destino aos Deuses, apenas conhece a caridade e a compaixão, sendo-lhe estranhos os sentimentos de justiça e de equidade. Escolheu o caminho mais fácil, é certo, mas está do lado errado da História. "*O difícil é viver*", clama Abel Salazar e viver é fazer a História, construir o mundo, finalidade última da existência. O homem passivo e alienado é uma aberração, desligado do ser-da-espécie; cadáver adiado; respira mas desconhece o significado da auto-realização que constitui, simultaneamente, o sentido da História. Ao fazer-se, faz a História e cumpre o seu desígnio a um mesmo tempo individual e colectivo. De Estátua, passa à condição de escultor, moldando o tempo e o espaço, criando o Lugar.

### Uma intensa actualidade

O pensamento de Abel Salazar, já o vimos, não escapa a avanços e recuos, mergulhando, sem medo, no terreno das contradições. Mas jamais renúncia à procura das sínteses e ao desafio da complexidade. Em tempos de uma pós-modernidade multiforme e que já sofreu múltiplas metamorfoses, importa realçar a identificação entre algumas das suas dimensões mais luminosas e o ideário do autor: a circulação de saberes, o estabelecimento de vasos comunicantes entre linguagens diferentes (ciência, arte, intuição, crença), a defesa de uma razão prática, vivificada pela experiência. Mas, ao mesmo tempo, encontramos pistas fundamentais para transcendermos alguns dos aspectos mais sombrios dessa constelação imprecisa de valores, símbolos e cosmologias.

De facto, a atomização e a fragmentação do ser e do saber humanos, o nihilismo que faz equivaler o tudo ao nada, a esquizofrenia de estados efémeros e de uma incompletude radical, o narcisismo das pequenas diferenças, a redução da identidade a estilos de vida e à apresentação pública do Eu, as máscaras que cobrem máscaras que escondem outras máscaras, são sintomas já pressentidos por Abel Salazar.

A sua ênfase, muita clara e precisa, no equilíbrio entre razão (uma *Razão lúcida*) e emoção e, particularmente, a defesa do carácter total e integrador da experiência, mesmo na condição de ideal a atingir no decorrer de um fluxo perpétuo, reconstituem o homem feito em pedaços. A existência (a *Razão* traduzida em actos) ou será integral ou será nada. Os irracionalismos múltiplos e difusos, essa galeria de "*opressão, de misérias, de orgias e de místicas*"<sup>9</sup> encarceram a

<sup>9</sup> - Idem, *ibidem*, p. 13.

plenitude das energias humanas. A liberdade só poderá ser imensa como uma praia se for consciência de si. Caminho árduo, tensão permanente. Esperar é já recuar. Viver, viver plenamente, é o único e mortal imperativo de sermos Aqui e Agora, com o Outro.